

A NOVELA DE DETETIVE

Carlos Dantas

Com "Murders in the Rue Morgue" Edgar Poe concluiu a invenção da novela de detetive. E a figura do Chevalier Dupin nela se definiu como prévia, "modélica", necessária para o futuro da investigação no reino ficcional do crime. Estava encerrada uma época que poderíamos, talvez, chamar medieval na evolução desse ramo da literatura. Aos processos baseados nos elementos materiais das pistas, dos rastros, sobrepuham-se agora o labor racionalista, as longas cadeias de razões, indiferentes à pura evidência empírica. Do "homo faber", atado a um realismo primitivo, o detetive elevava-se ao estágio do "homo sapiens", capaz de erguer uma metodologia sobre o conjunto de dados.

Neste sentido, o gênio de Poe assume uma força cartesiana. Pois rompe com a veneração beata em face das realidades físicas — característica do pensamento aristotélico — e constrói um sistema independente das aparências, pelas quais a informação dos sentidos e da imaginação sempre restringia a verdade.

Como consequência, os detetives gênero "pathfinder" — nisto descendentes de Bumppo e Buffalo Bill — tornaram-se semelhantes a alquimistas, pacientes manipuladores de sinais concretos, em penosa procura da síntese elucidativa. O advento do Chevalier Dupin impõe para a posteridade o abandono dessa busca externa e a substitui pela análise interior, pela conduta científica da dedução.

Houve porém um sobrevivente notável do "homo faber", cuja importância merece lembrar-se: Nick Carter. Criação original de John Coryell, este herói também viveu milhares de aventuras inventa-



Gustav von Seyffertitz e John Barrymore em Sherlock Holmes (1922)

Basil Rathbone (Sherlock Holmes)



A NOVELA DE DETETIVE

das por Thomas Harbaugh e Frederick Dey. A tríplice paternidade, de resto, não lhe alterou as linhas estruturais do comportamento. Até porque, vale recordar, o mesmo ocorreu em âmbitos maiores da literatura. A viúva de Balzac fez Charles Rabou escrever obras de Balzac. Maquet e Fiorentino escreveram por Alexandre Dumas. De forma que saído da pena de qualquer dos três autores, Nick Carter conservou o mesmo esquema básico da literatura popular americana conhecido como "dime-novel". Era a manifestação literária dos contos de fronteira, das histórias de índios, de uma tradição oral largamente apreciada pelo público dos Estados Unidos. Tudo isto nutriu a temática de Fenimore Cooper, de Prentiss Ingraham (Buffalo Bill) e nela a técnica do "pathfinder", do intérprete de rastros, constituía o núcleo das investigações. Quando porém a conquista do Oeste avançou até o Pacífico, limitando os indígenas dos "territórios especiais", quando o horror que suas figuras despertavam passou a nada significar e até se transformou num objeto de comisseração, o gênero "pathfinder" perdeu o interesse. Urgia adaptá-lo às circunstâncias que o avanço da civilização ia determinando a todo vapor. Já as trilhas das diligências, das carroças, tinham-se apagado sob as linhas de ferro nas quais a "Atchison and Santa Fé railway" fazia correr velozes composições. As pradarias do velho Oeste foram assim perdendo a solidão rural e conhecendo o florescer agitado das aglomerações urbanas.

Aí começaram a aparecer as "dime-novel" com índios e "pathfinders" circulando pelas cidades. Neste gênero de transição trabalharam autores como Albert Aiken "Tracked from the Rockies to New York" e Dick Talbot "The Haunting Shadow", criado do Old Sleuth. Todos detetives não eram

mais que Buffalo Bills em trajes citadinos perseguindo criminosos como se êstes fôssem índios. E o maior representante dessa transição surge em 1884 — "The Old Detective Pupil" — a primeira aventura de Nick Carter. Surge e retira-lhe o caráter transitório para dar-lhe uma compação que o pereniza como sobrevivente de uma época primitiva. Nick Carter, permaneceu o "homo faber" da investigação detetivesca.

É verdade que existe em Nick Carter alguns sinais do novo estágio estabelecido por Edgar Poe. Mesmo porque, como é sabido, as idéias e as formas literárias não apresentam uma rigidez retilínea em suas filiações. O próprio Buffalo Bill tem traços de "mousquetier". Nêle perpassa qualquer coisa do folhetim francês, cujas traduções na América já chegavam com facilidade, tanto mais que inexistiam proteções legais sobre o direito autoral. Há inclusive um pouco de Rocambole em Nick Carter. Há inclusive uma sombra do romance gótico. Por exemplo, "A Stolen Identity" e uma série de outras aventuras apresentam uma diabólica encarnação de mulher chamada Zel, cuja malignidade lhe confere o epíteto de "Frankensteinnisch" — viva referência ao trabalho de Mary Shelley. Assim, nêle também se encontra o método dedutivo. Veja-se "The Unaccountable Crook". Mas a linha mestra do seu método é a procura externa. Como diz Régis Messac em sua obra monumental "Le Detective Novel et la Influence de la Pensée Scientifique", Nick Carter raciocina apenas o espaço de duas páginas. O resto "é ação, ainda ação e sempre ação".

Portanto, conclui-se que a influência de Poe e sua criação da novela de detetive foi muita escassa ou nula na América. O gênio, como não raras vêzes, projetou-se muito avançado no tempo. Era preciso esperar. Da mesma

maneira, ainda em terra americana, outra figura notável de escritor marcou os primeiros lances da novela policial — policial, não detetive — e passou inteiramente despercebido, em meio ao prestígio crescente da "dime-novel". Herman Melville (1857) publicou "The Confidence-Man", onde estão esbatidas as côres do gênero. A obra, porém, sequer foi reimpressa. Ao que parece até hoje não voltou a circular. De maneira que o método de Poe tem de cruzar o oceano para encontrar seguidores já no estágio de "homo sapiens". E encontra na velha Inglaterra um londrino que o cumprirá magistralmente.

Ao inventar Sherlock Holmes, Conan Doyle introduziu uma inovação importante para o mercado literário. Êste, no que diz respeito à literatura popular, tinha conhecido uma multiplicação de magazines, distribuídos mensal e bimensalmente. A matéria que nêles aparecia, modelava-se pelo folhetim. Com um grave inconveniente para o público que, tendo à disposição uma variedade cada vez mais ampla de revistas, era levado a se desinteressar por uma história retomada de mês em mês ou de dois em dois meses. No caso de romances propriamente folhetins não havia maiores problemas. Mesmo que se perdesse um dia, tornava-se fácil suprir pela imaginação a seqüência. O assunto era intencionalmente preparado para a periodização diária; os cortes se engatavam muito bem na "ordinary serial". Conan Doyle propôs então ao "Strand Magazine" transformar cada número numa publicação integral de Sherlock Holmes. Seu personagem apareceria continuamente, sem a história sofrer o esquartejamento da divulgação em folhetim. O êxito foi total. Tanto que, até pelo menos 1929, o célebre detetive só veio a surgir em livro duas vêzes: "The Hound of

Baskerville" e "The Valley of Fear".

No entanto, datava de 1887 a estréia de Sherlock. "A Study in Scarlet", publicado no "Beaton's Christmas Magazine", marcou o nascimento do mais ilustre discípulo de Auguste Dupin, nascimento, aliás, retardado pela rejeição de inúmeros editôres. E, a par dessa dificuldade, Conan Doyle ainda teve de vê-lo recebido sem maior interesse. Somente nos Estados Unidos se aperceberam de sua importância. Também, é preciso dizer, o jovem escritor não esperava muito dessa incursão na literatura popular. Sua ambição voltava-se para a seara do romance histórico. Duas obras nesse gênero tinham recebido animadora aceitação — "Sir Nigel" e "The White Company" — permitindo-lhe inclusive o acesso às rodas literárias. Foi assim que chegou a conhecer Oscar Wilde, quando este escreveu "The Picture of Dorian Gray".

Mas acossado de problemas financeiros, que o fracasso na profissão de médico oculista ainda mais aguçava, resolveu insistir nas aventuras de Sherlock. Daí aquela proposta ao "Strand Magazine". E a série se inicia com "A Scandal in Bohemia". Em que pese o sucesso, não foi suficiente para o autor desistir desse "metier" popular e procurar o gênero de sua preferência. Chegou a matar a própria criação. Em "The Final Problem", Sherlock trava um combate com o Prof. Moriarty, de quem recebe um golpe mortal. Uma prece "in memoriam" é recitada por Watson e Conan Doyle se livra do personagem. A reação pública, no entanto, foi de protesto inconformado. Milhares e milhares de cartas cobriram-lhe de recriminações. Uma delas começava por "You Brute".

Diante de tal manifestação, Conan Doyle voltou as vistas para o que ela continha como possibilidade de independência financeira. E logo lançou "The Return of Sherlock Holmes", onde esclareceu não ter o detetive recebido um golpe fatal. Apenas fingira-se de morto. Estava assegurada a continuidade do maior epígono do Chevalier Dupin e a satisfação pública não demoraria a espalhar-se universalmente. Estava assegurada, portanto, a idade moderna das histórias de detetive, através do comportamento de "homo sapiens", dado por Conan Doyle à sua criação.

O método científico, na verdade, estrutura e norteia o trabalho de Sherlock Holmes. Contudo, é preciso atentarmos até onde vai essa ciência. E até onde vai a ciência do próprio Edgar Poe. Onde vai a ciência de seu Dupin que, para muitos críticos, é a de um verdadeiro matemático.

De início, afirmamos não serem ambos os autores, legítimos cientistas. A ciência é uma coisa, a poesia é outra. Edgar Poe é um poeta. Não é outra coisa. Certo, é admirável como seu talento genial conseguiu transportar para a ficção um acervo de informações válidas. Tudo, porém, em nível de divulgação. Aliás, era bem conhecido seu interesse pelos fatos científicos, a ponto de no poema "Science" relacioná-los com a sensibilidade poética. Mas não nos iludamos. O autor de "O Corvo" está muito distante da mentalidade de um "savant" e, indiscutivelmente, pode-se-lhe aplicar o termo de "ignorante", no sentido em que Pascal aplicava a Montaigne. Isto é, apenas um erudito; dominado apenas por um interesse de curiosidade. De forma que não se deve considerar, por exemplo, em "Eureka" e em "Murders in the Rue Morgue", a aplicação do cálculo das probabilidades como se de fato viesse de um "expert" em Laplace. É tão difusa a aplicação que não faria nenhuma falta se Poe jamais houvesse conhecido as idéias desse filósofo. O espírito matemático de Dupin, as operações lógicas que empreende, nada têm a ver com a rigorosa probidade da análise matemática. Em suma, o que ocorre é toda essa pseudociência possuir um tal aspecto de rigor, que impressiona os mais argutos leitores. Prova indiscutível da genialidade de um poeta.

Por sua vez Conan Doyle, em que pese a formação de médico, também não foi além da linha de divulgação científica. E o pior, longe de possuir uma mentalidade de matemático era, na verdade, um supersticioso. Um acusmático. Há uma obra sua intitulada "The Coming of Fairies" na qual disserta, com a maior sinceridade, sobre a existência de fadas, acreditando tê-las fotografado num momento em que brincavam com elfos!!! E reproduz as fotos!!! O seu Sherlock Holms, ao encadear as deduções, repete servilmente o mesmo engano de Poe quanto ao sentido da palavra dedução. Tanto um como o outro acha que dedução não passa de simples raciocínio a partir de

um dado particular, o qual alcança, através de sinuosidades, o estabelecimento de outro fato particular. Sem querermos trazer aqui uma discussão acerca de logística, não vemos como este processo possa merecer o nome de dedução. Seria, talvez, semelhante ao procedimento indutivo.

Todavia, apesar de defeituosas, essas cadeias de deduções correram mundo, criando até um neologismo: "Sherlockholmitos". E são mitos mesmo. Pode o famoso homem da Baker Street fazer um longo sermão a Watson — "The Sign of Four" — autoelogioso do seu sistema dedutivo que, na realidade, sob o ângulo propriamente científico pouco fica além de um mito.

Estas observações não são contraditórias com o que afirmamos no pórtico deste trabalho. Ou seja, ter o gênio de Poe conferido à figura de Dupin o porte científico de "homo sapiens". É inequívoca sua participação no aprimoramento das histórias de detetives, justamente por tê-las retirado da condição primária do "homo faber". Mas estamos no reino da literatura e não da ciência. Coisa terrivelmente incompreendida em nossa era. Era já atômica, desagregadora e tecnológica e ainda com milhões e milhões de indivíduos sem distinguirem essa diferença. Milhões e milhões a invadirem de lirismo o terreno do conhecimento.

Por isso, não há contradição alguma ao considerar cartesiano o gênio de Poe, em seu rompimento com o aristotelismo dos detetives "pathfinders". E, depois, o mostrarmos como um diletante em ciência. Ele próprio acreditava ser possível agir como poeta e matemático ao mesmo tempo. Devido ao estágio científico de sua época não se lhe pode recriminar o engano. Atualmente, com as descobertas da microfísica, que apontaram a "influência do observador" sobre o estudo das realidades do mundo físico, tal não é permitido. A separação da poesia e do "saber" é necessária. E, no entanto, muita gente vive elaborando sínteses muito mais líricas que coerentes, pretendendo dá-las como ciência. Na verdade encontram-se tão longe desta, quanto as investigações de Dupin e Sherlock Holmes. Só que destes, um foi criação de gênio poético, gênio que teve a imitá-lo um literato, cujo talento disto se desencumbiu de forma notável. **INC**



SHERLOCK HOLMES: FILMOGRAFIA

- 1903 — *Sherlock Holmes Baffled*, americano da Biograph;
- 1908 — *Sherlock Holmes*, de Forrest Holger Madsen, dinamarquês; *Sherlock Holmes in the Great Murder Mystery*, americano da Crescent.
- 1909 — *Der Hund von Baskervilles* (O cão dos Baskervilles), alemão, com Erwin Fitchner;
- 1911 — *The Bogus Government*, americano da Great Northern;
- 1912 — *The Beryl Coronet* (O Diadema de Beryl); *Copper Beeches*; *The Mystery of Boscombe Vale*; *Reygate Squires*; *Silver Blaze* (Silver Blaze); *The Speckled Band*; *The Stolen Papers*, todos em inglês, de Adrien Caillard, com Georges Tréville;
- 1913 — *The Musgrave Ritual*, inglês, de Adrien Caillard, com Georges Tréville; *Sherlock Holmes solves the Sign of the Four*, americano da Thanhouser, com Henry Benham;
- 1914 — *A Study in Scarlet*, inglês, de George Pearson, com Fred Paul; *Der Hund von Baskervilles* (A Lenda do Cão Fantasma), alemão, de Richard Oswald, com Ferdinand Bonn; *The \$ 5.000.000 Counterfeit Plot*, americano de Bertram Harrison, com William J. Burns;
- 1916 — *Sherlock Holmes*, americano, de Arthur Berthelet, com William Gillette; *The Valley of Fear*, inglês;
- 1918 — *The Further Adventures of Sherlock Holmes*, inglês em 12 episódios, de George Ridgewell, com Eille Norwood;
- 1922 — *The Beryl Coronet*; *A Case of Identity*; *The Devil's Foot*; *The Dying Detective*; *The Man with the Twisted Lip*; *The Red Headed League*; *The Hound Patient*; *A Scandal in Bohemia*; *The Yellow Face*; *The Hound of the Baskervilles* (O Cão Fantasma), todos em inglês, de Maurice Elvey, com Eille Norwood; *Sherlock Holmes* (idem), americano de Alfred Parker, com John Barrymore;
- 1923 — *The Sign of the Four*, inglês de Maurice Elvey, com Eille Norwood;
- 1929 — *The Return of Sherlock Holmes* (A Volta de Sherlock Holmes), americano de Basil Dean, com Clive Brook; *Der Hund von Baskervilles* (O Cão dos Baskervilles), alemão, de Richard Oswald, com Carlyle Blackell;
- 1931 — *Sherlock Holmes' Fatal Hour*, inglês, de Leslie Hiscott, com Arthur Wontner; *The Speckled Band* (A Tira Salpicada), inglês, de Jack Raymond, com Raymond Massey; *The Hound of the Baskervilles* (O Assassino de Baskerville), inglês, com Arthur Wontner;
- 1932 — *Sherlock Holmes* (idem) americano, de William K. Howard, com Clive Brook; *The Missing Rembrandt*, inglês, de Leslie Hiscott, com Arthur Wontner; *The Hound of the Baskervilles*, inglês, de V. Gareth Gundry, com John Stuart; *The Sign of the Four*, inglês, de Graham Cutts, com Arthur Wontner; *Lelicek ve Sluzbach Sherlocka Holmese*, tcheco, de Karel Lamac, com Blasta Burian;
- 1933 — *A Study in Scarlet*, americano, de Edwin L. Marin, com Reginald Owen;
- 1934 — *The Triumph of Sherlock Holmes*, inglês, com Arthur Wontner;
- 1936 — *Der Hund von Baskervilles*, alemão, com Friedric Kayssler;
- 1937 — *Silver Blaze*, inglês, com Arthur Wontner; *Der Mann der Sherlock Holmes war* (Sherlock Holmes), alemão, de Karl Hartl, com Hans Albers;
- 1939 — *The Hound of the Baskervilles* (O Cão dos Baskervilles), americano, de Sidney Lanfield, com Basil Rathbone; *The Adventures of Sherlock Holmes* (As Aventuras de Sherlock Holmes), de Alfred Werker, com Basil Rathbone.
- Série de Basil Rathbone, na Universal, dirigida por Roy William Neil:
- 1942 — *Sherlock Holmes and the Voice of Terror* (Sherlock Holmes e a Voz das Trevas); *Sherlock Holmes and the Secret Weapon* (Sherlock Holmes e a Arma Secreta);
- 1943 — *Sherlock Holmes in Washington* (Sherlock Holmes em Washington); *Sherlock Holmes faces Death* (Sherlock Holmes enfrenta a Morte); *The Spider Woman* (Sherlock Holmes e a Mulher Aranha);
- 1944 — *The Scarlet Claw* (A Garra Escarlate); *The Pearl of Death* (A Pérola Negra); *The House of Fear* (A Casa do Medo);
- 1945 — *The Woman in Green* (A Mulher de Verde); *Pursuit in Algiers* (Desforra em Argel); *Terror by Night* (Noite Tenebrosa);
- 1946 — *Dressed to Kill* (Melodia Fatal);
- 1949 — *The Adventure of the Speckled Band*, americano para a TV, de Sobey Martin;
- 1959 — *The Hound of the Baskervilles* (O Cão dos Baskervilles), inglês, de Terence Fisher, com Peter Cushing;
- 1962 — *Sherlock Holmes*, anglo-alemão, de Terence Fisher, com Christopher Lee.
- 1965 — *A Study in Terror* (Névoas do Terror), inglês, de James Hill, com John Neville.
- 1969 — *The Private Life of Sherlock Holmes* (A Vida Íntima de Sherlock Holmes), de Billy Wilder.
- Não identificados:
- O Crime do Dr. Moss, ou A Nova Proeza de Sherlock Holmes, exibido no Brasil em 1913, e As Faias Púrpuras, inglês, exibido no Brasil em 1917.